

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
CURSO DE JORNALISMO - BACHARELADO

IRONDES AUGUSTO DA SILVA PEREIRA

**Livro- Reportagem - Goianidade: Retratos  
da identidade do povo goiano**

Goiânia, GO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
CURSO DE JORNALISMO - BACHARELADO

IRONDES AUGUSTO DA SILVA PEREIRA

**Livro- Reportagem - Goianidade: Retratos  
da identidade do povo goiano**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao curso de Jornalismo da  
Pontifícia Universidade Católica (PUC) de  
Goiás como requisito para obtenção do título  
de bacharel em jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Pereira Borges.

Goiânia, GO

2021

PEREIRA, Irondes Augusto da Silva. **GOIANIDADE: RETRATOS DA IDENTIDADE DO POVO GOIANO.**

Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Escola de Direito, Negócios e Comunicação / Curso de Jornalismo. Goiânia/GO, 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em \_\_/\_\_/\_\_ para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Rogério Pereira Borges**  
**Orientador**

---

**Prof. Me. Maria Carolina Giliolli Goos**  
**Examinadora Convidada**

---

**Prof. Me. Lúcia de Fátima Lobo Cortez Amado**  
**Examinadora Convidada**

## **AGRADECIMENTOS**

Para minha avó Dejanira Caetana da Silva Sobrinho, ou para os íntimos, só “Deja”. Esta anapolina, que me encorajou para o jornalismo e também foi minha principal fonte de força e apoio em manter-me na graduação. Infelizmente, o câncer consumiu sua vida em julho de 2021, aos 64 anos, mas pessoas como ela permanecem mesmo em meio à ausência.

Dona do melhor arroz com pequi, foi apaixonada pela música de Amado Batista e possuía a melhor forma de falar, de dar bronca ao carinho. Mesmo não sendo “fã” de plantas, regou os momentos mais especiais da minha trajetória e fez florir as melhores lembranças, que germinaram e se tornaram um jardim de ideias com as quais elaborei este trabalho.

Além dela, agradeço aos demais envolvidos na produção deste livro. Meu orientador Rogério Borges, que caminhou junto comigo durante este ano tão tumultuado; minha família, que soube aguentar minhas ausências justificadas por um “preciso escrever meu TCC”; e meus amigos, que ouviram tantas reclamações e, mesmo assim, me motivaram a escrever este trabalho.

“O goiano de pé-rachado não despreza uma pamonhada e teima em dizer ei, trem bão, ao ver a felicidade passar na janela, e exclama viche, quando se assusta com a presença dela”.

*(José Mendonça Teles)*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>7</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>10</b>
2.1. Estrada do jornalismo	10
2.2. O produto certo	16
2.3. Linguagem diferenciada	18
2.4. Debate sobre a goianidade	21
<b>3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO</b>	<b>24</b>
3.1. Tema	24
3.2. Capítulos	25
3.3. Características	26
3.4. Entrevistas	28
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	<b>32</b>
<b>6. ANEXO</b>	<b>35</b>

## RESUMO

Na fuga do jornalismo convencional, o livro-reportagem *Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano* apresenta, com sensibilidade e linguagem literária, os atributos que formam a identidade cultural goiana. O tema personifica, por meio de crônicas, entrevistas de perfil humanizado e memórias afetivas do autor, a representação do conjunto de características que distinguem e unificam as pessoas naturais do Estado de Goiás. Isto se mostra possível em um produto jornalístico capaz de se aprofundar nas questões que contribuem para o reconhecimento das qualidades dessas pessoas e, principalmente, do autor que também está inserido neste grupo. O resultado é o casamento entre informação, inovação, criatividade e, por fim, novas descobertas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro-reportagem; Goianidade; Identidade cultural; jornalismo literário; Cultura.

## 1. INTRODUÇÃO

O livro-reportagem é o formato do produto *Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano*, desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), realizado pelo estudante Irondes Augusto da Silva Pereira. O objetivo desta reflexão teórica é explorar o tema da identidade cultural goiana, narrar o processo de produção deste trabalho prático, descrever quais foram os elementos envolvidos e conhecer a construção histórica deste produto jornalístico.

A identidade cultural goiana refere-se às características próprias daqueles que nascem e/ou vivem com indivíduos no Estado de Goiás, adquirindo seus costumes e suas tradições. Ela é composta por um conjunto de qualidades que reforçam o reconhecimento e o sentimento de pertencimento a essa sociedade. Neste debate surge o termo goianidade, que se apresenta nas páginas deste livro-reportagem através da música sertaneja, da tradição culinária, que é rica em frutos naturais do bioma Cerrado, e do falar caipira.

Os goianos se reconhecem nos valores da família e na conexão com a terra e a roça. Essas características são percebidas e transmitidas por meio das canções de moda de viola, da simplicidade na maneira de enxergar a vida, no modo de preparo das refeições, tudo ainda está muito ligado ao fogão caipira, nas formas de se relacionar com o meio ambiente e nas conversas informais, que são carregadas de gírias e expressões locais.

Princípios e valores que estão representados no livro *Goianidade*. Como o próprio título reforça, são retratos e recortes da identidade cultural do povo goiano. São personificações, ou seja, a atribuição de qualidades que simbolizam e representam as características das pessoas que se identificam como goianos. Tema tão importante que merecem cuidado e atenção para que possam ser valorizados e transmitidos para as próximas gerações, que poderão gozar desses mesmos sentimentos de pertencimento.

Esta é a mesma discussão apresentada pelo escritor goiano José Mendonça Teles na crônica *O que é ser Goiano* (2016), que inspirou o autor deste livro para o tema. Este texto e memórias afetivas contribuíram para este livro-reportagem



superar a superficialidade do jornalismo convencional e apostar em uma linguagem mais pessoal e também mais próxima do próprio jeito que os goianos têm de falar e de se referir ao mundo. Com pesquisas aprofundadas, opiniões de especialistas nas áreas da música, da gastronomia, do meio ambiente e da linguagem, além de entrevistas mais humanizadas com pessoas do povo e relatos pessoais, este produto busca aproximar o leitor daquilo que está presente no seu cotidiano.

*Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano* é, como o pequi é para os goianos, um típico produto do jornalismo. A música, a culinária, o bioma Cerrado e os diálogos informais são os quatro temas norteadores para a produção do livro-reportagem, que os trata com a profundidade e a sensibilidade que este produto jornalístico solicita.

Assim como afirma Pena (2014), o livro-reportagem é o resultado do casamento entre as reportagens e as crônicas, que são produtos jornalísticos sem deixarem de apresentar seus vieses para discursos mais literários. Ambos são narrativas cotidianas e que juntas permitem contar histórias reais de maneiras mais atrativas e humanizadas. Este é o objetivo do produto *Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano*: representar a identidade cultural goiana de forma real e humana.

Pautas pensadas e elaboradas para aprofundar o conhecimento sobre o que é ser goiano e sobre as potencialidades que essa população possui para oferecer de cultura e turismo. Por isso, utiliza técnicas de entrevistas que traçam a personalidade, contextualizam o cenário local, exploram e resgatam o sentimento de pertencimento a essa sociedade.

O jornalismo literário não é uma modalidade recente e sim conhecida e desenvolvida desde os primeiros registros da formulação da escrita e das origens do jornalismo. O exercício profissional da reportagem de forma aprofundada e extensa.

Características que se encontram nas 92 páginas deste livro-reportagem, que além dos textos trazem experiências visuais que imergem o leitor na cultura goiana. Cores, ilustrações e diagramação que transmitem a leveza do tema, representam a pauta e figuram a simplicidade e potência do Estado de Goiás. O livro-reportagem sobre a identidade cultural goiana desempenha o papel de levar novas formas de tratar sobre a goianidade.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Estrada do jornalismo

O surgimento da escrita é considerado como margem para estudo das atividades humanas e acreditava-se que a história de qualquer sociedade só poderia ser documentada através dela. Por isso, ainda hoje, nas aulas de História no ensino básico em escolas infantojuvenis é utilizado o termo Pré-História, para estudo das origens humanas, e História para falar do “conjunto de conhecimentos adquiridos mediante documentos, acerca da evolução do passado da humanidade” (HOLANDA, 2010, p.401).

Tradicionalmente, os historiadores já levam em consideração fontes iconográficas, como pinturas rupestres, outros materiais, como esculturas e peças de artesanato, e relatos orais, como lendas e mitos, que documentam a história humana, de um povo ou de uma sociedade. Porém, é indispensável falarmos sobre o papel da escrita para a construção da memória humana. Os gregos, por exemplo, transmitiam suas informações de guerras através de um mensageiro que levava as mensagens de navio ou a cavalo, um processo que poderia levar dias ou, até mesmo, meses.

Esta diversidade de fontes demonstra que a humanidade sempre buscou formas diferentes de comunicação, mas somente por volta de 3.500 a.C, na Mesopotâmia e no Egito, foram realizados os primeiros registros de uma escrita sistematizada, ou seja, uma convenção social definindo que determinada união de ícones e/ou símbolos, que formam palavras, narram a história. Os hieróglifos, por exemplo, continham os registros do cotidiano, as questões econômicas e assuntos políticos daquela sociedade. “A escrita no Egito Antigo tinha não só um caráter sacro como noticioso, por isso essas placas narravam as colheitas de grãos, casamentos reais, solenidades, viagens, guerras e a vida cotidiana.” (CASTRO, 2010, p. 11).

Aqui, já podemos verificar certo caráter noticioso da escrita nesse período. Porém, é importante elencar duas questões existentes, muito fortemente, nesse início da prática da escrita. Primeiro, essa escrita era dominada, somente, pela casta social religiosa, os sacerdotes, e por funcionários específicos da realeza, os escribas. Segundo Castro (2010), a população, em geral, só recebia essas informações através da leitura desses documentos em praça pública que,

posteriormente, poderia ser gravada e fixada no local com intuito de lembrança em caso de leis ou informação para comerciantes estrangeiros.

Segundo, o processo de construção de uma escrita sistematizada aconteceu em diferentes lugares e em diferentes épocas cronológicas. Por exemplo, enquanto os egípcios adotaram essa prática em meados de 3.500 a.C, na Europa ela só foi aparecer após o século 1 a.C, com a expansão do Império Romano. Além disso, vale destacar que há civilizações que, simplesmente, desconhecem a escrita, pois se organizaram socialmente de outras maneiras e através de outras convenções e tradições.

Poderíamos dizer que a “Pré-história” se encaixa melhor a uma fase de uma determinada civilização e não a um tempo cronológico. Com isso, o que para nós, atualmente, já estava caindo em desuso, para essas civilizações era sinônimo de modernidade. Com mensagens escritas em argila, cascas de árvores, rochas, couro de animais e outros suportes, essas sociedades possibilitaram a comunicação com um menor período de tempo entre governos, civis e comerciantes estrangeiros através da instalação das leis e informativos de vendas em praça pública.

Com o surgimento da escrita e, principalmente, pelo seu caráter informativo, aparecem os primeiros profissionais da área de comunicação. No Egito, os cinzeladores eram encarregados de escrever em “papiros, tumbas, templos, muros, estelas e outros monumentos, informações em formas de contos e novelas.” (CASTRO, 2010, p. 12). Esses profissionais produziam os textos, que poderiam ser colocados em ambientes privados ou iriam circular entre a população, o que exigiria diversas cópias à mão.

Além do Egito, o Império Romano também marcou presença no quesito origens do que podemos batizar de “pré-história do jornalismo”. Em 713 a.C, o rei Numa Pompílio criou o cargo de porta-voz para anunciar e noticiar os assuntos do seu reinado. Porém, foi durante o governo de Júlio César, patrício, líder militar e político romano, de 48 a 44 a.C, que surgiram os primeiros esboços do que poderiam ser considerados jornais, que eram focados em noticiar os assuntos governamentais, as sessões do Senado e os procedimentos judiciais.

Por volta de 70 anos antes de Cristo e por todo o período imperial, existiram as Actas Diurnas ou Actas Senatus Consulta, estas publicadas diariamente pelo Senado romano e

afixadas na Tribuna dos Oradores, ficando à disposição de quem quisesse ler ou consultar. (CASTRO, 2010, p. 12).

Apesar da contribuição dos cinzeladores e das Actas para a disseminação de informações durante aquele período, é importante destacar que estes ainda utilizavam a tecnologia manuscrita para veicular seus textos. Tal desafio só foi superado no Ocidente a partir do século XIV, com o desenvolvimento da primeira máquina de impressão. A invenção deste equipamento, que é muito importante para a história do jornalismo, foi feita pelo alemão Johannes Gutenberg, entre 1430 e 1440.

Com a prensa de Gutenberg, tornou-se possível a impressão de livros, como, por exemplo, a Bíblia, o que contribuiu para a disseminação da literatura religiosa e, em idiomas diferentes do grego e do latim, para a catequização de povos recém colonizados e também para a alfabetização. Além disso, esta máquina exerceu um papel importante para o jornalismo, sendo responsável por sua certidão de nascimento de fato, enquanto uma atividade autônoma e descritível. Agora, os veículos poderiam replicar diversas vezes seus jornais que viriam a ser distribuídos para a população em geral.

Entretanto, a imprensa passa a ser percebida como uma força política e governantes começam a exigir licenças para a prática jornalística. Então, passou-se a exigir mais dos profissionais da imprensa, que não poderiam exercer a escrita noticiosa livremente. Segundo Lavina (2016), a imprensa se torna uma instituição política, pois seu papel será intermediar assuntos, essencialmente, políticos. A imprensa prestava espaço para debates entre figuras políticas, ou seja, era o meio pelo qual eles tinham “voz” e, através de artigos para debates políticos, estes publicaram seus interesses políticos.

Além das notícias que circunscrevem “ao mundo da política, da economia e da guerra” (SOUSA, 2006, p. 150), os jornais, que eram dominados por escritores e cronistas, continham os chamados folhetins. Estas narrativas eram seriadas e estão dentro dos gêneros prosa de ficção e romance. Com uma linguagem literária, que conquistava os leitores, e a invenção de novas tecnologias, como o trem a vapor, que facilitou a distribuição dos impressos, e a eletricidade, a lucratividade dos jornais ganhou maior destaque.

No século XIX, nos Estados Unidos, surge a chamada *penny press*, que custava um centavo de dólar. Devido aos trabalhos assalariados em fábricas, possibilitados pela Revolução Industrial, a sociedade está em êxodo rural, está aumentando o poder de compra e se alfabetizando. Com isso, passam a comprar e ler mais jornais, o que faz com que ele comece a perder a identidade partidária, pois está dando lugar às propagandas.

A imprensa irá diversificar suas pautas a partir do século XVII, com uma sucessão de eventos históricos e publicações de autores que defendem a liberdade de opinião e luta contra governos tirânicos. Motivados pelos ideais iluministas da Revolução Francesa, ocorrida de 1789 a 1799, na França (esta já inspirada na Independência dos Estados Unidos, em 1776), a liberdade de expressão tornou-se um direito fundamental para a população e, principalmente, para os profissionais da área de comunicação e jornalismo.

Impulsionada pelas revoluções americana (1776) e francesa (1789), a liberdade torna-se um princípio sagrado. Reza o artigo 11<sup>a</sup> da Declaração do Homem e do Cidadão, aprovada em agosto de 1789: A livre circulação de pensamento e opinião é um dos direitos mais preciosos do Homem. Todos os cidadãos podem portanto falar, escrever e publicar livremente, exceto quando forem responsáveis pelo abuso dessa liberdade em casos determinados por lei. (SILVA, 2016, p.16 apud TRAQUINA, 2005, p.45).

Neste processo, imprensa e democracia caminham juntas. Isso acontece porque a sociedade que está lutando por mais direitos entende que estar informada irá lhe capacitar para exercer um papel mais cidadão. A liberdade de manifestação e expressão do pensamento é consolidada e, com ela, o direito a emitir opiniões e cobrar de autoridades. “O direito à informação, portanto, é um direito-meio, é um pressuposto, neste caso, para que o direito político [e outros] se realize em melhores condições. [...] à livre circulação de idéias através dos jornais e da imprensa em geral” (GENTILLI, 2002, pg. 39).

Entretanto, isso lhe traz novos desafios: como conceber nessas sociedades modernas, que estão se urbanizando, uma estrutura de comunicação que seja pluralista, livre, ampla e acessível à população? A imprensa, que vinha se comprometendo “com a difusão dos ideais revolucionários, com o enfrentamento do poder monárquico através da crítica, da mobilização social e da ampliação da esfera

política para grande parte da população” (RIBEIRO, 2016, p. 19) ganha novos moldes.

Com a necessidade social por mais informações e maiores cobranças quanto à veracidade dos fatos, o exercício da prática jornalística passa a ser submetido ao crivo da objetividade, que “cultua” os fatos e a reprodução fiel da realidade (SILVA, 2017, p.16). Nesse período surgem as técnicas de apuração, como, por exemplo, as testemunhas oculares, as fontes e as entrevistas.

Além disso, o jornalista é rotulado com a linguagem do *lead* e com o uso do modelo de pirâmide invertida. Ambos os conceitos surgem junto de uma nova tecnologia de comunicação, o telégrafo. Inventado por Samuel Finley Breese Morse, em 1791, nos Estados Unidos, este sistema de transmissão e recepção de mensagens impulsiona uma nova formulação para o texto jornalístico. O jornalista deveria priorizar o fato principal no início da matéria respondendo a cinco questões: o que? quem? onde? quando? como? e por quê? Feito isso, poderia desenvolver os dados secundários e, depois, os detalhes menores no texto.

Com isso, surge o repórter como caçador da verdade, que deve primar pela objetividade dos fatos que relata. Mas, além das amarras das técnicas jornalísticas, com mais liberdade para escrever sobre assuntos além de política, economia e guerra, este profissional pode diversificar o gênero textual da sua pauta para opinar, informar, aprofundar e, até mesmo, cativar com técnicas literárias.

Sem as limitações e com novos assuntos sendo inseridos nas redações jornalísticas, os profissionais da imprensa se atentam para maneiras de alcançar o público através dos textos. Seja pela curiosidade, a novidade, a proximidade ou outros, o jornalista aperfeiçoa as técnicas para definir os fatos que, realmente, se tornariam notícias. Dessa forma, após algumas décadas, estudiosos, que perceberam essas tendências, apresentaram as origens do conceito de valor-notícia e, segundo Silva (2005), o conceito de noticiabilidade.

Em 1965, como já foi dito, Galtung e Ruge, ao se perguntarem como os acontecimentos se transformam em notícias, chegaram a doze valores-notícia: frequência, amplitude, clareza ou falta de ambiguidade, relevância, conformidade, imprevisão, continuidade, referência a pessoas e nações de elite, composição, personificação e negativismo (SILVA, 2005, p.101)

A autora salienta que estes critérios são verificados no momento de seleção hierárquica dos fatos e na produção da notícia. Contudo, ela os caracteriza como “vulneráveis” e “mutantes” devido os mesmos serem maleáveis às condições organizacionais de uma empresa jornalística, a cultura do profissional e a relação “jornalista-fonte” e “jornalista-receptor”. Ou seja, a consistência desses valores podem variar de acordo com a organização, o repórter e o editor.

A exemplo disso, o livro-reportagem *Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano*, que foi elaborado sob orientação do professor Rogério Pereira Borges, utilizou na fase primária de seleção dos temas os valores da curiosidade, relevância, empatia e a proximidade. De acordo com Rocha e Xavier (2013), a produção desse produto jornalístico, os valores-notícias, como os citados anteriormente, fazem parte desde o “processo de apuração, o levantamento de dados, também entendida como pesquisa” (ROCHA & XAVIER, 2013, p. 11).

Entretanto, em produtos como o livro-reportagem, o jornalismo pode ou não se submeter à agenda-setting, que, segundo Castro (2014), é a hipótese relacionada aos autores MacCombs e Shaw, em 1972, sobre o fenômeno de influência dos meios de comunicação na agenda de temas considerados importantes pela sociedade. Por isso, quando o profissional foge desse modelo, é preciso que haja um tratamento diferenciado da informação. A pauta, por não ser factual, precisa despertar o interesse do público por si só através do aprofundamento, da contextualizações e de visões menos óbvias.

Por isso, desde a pesquisa, a escolha das fontes e a escrita das pautas, os critérios do livro-reportagem *Goianidade* foram pensados para despertar interesse de leitura no público-alvo, que é a população goiana com, atualmente, mais de 6 milhões de habitantes (IBGE, 2010). Música, culinária, meio ambiente (com foco no bioma Cerrado) e a linguagem das pessoas da região são temas que participam do cotidiano dessa população que ao ler novas descobertas sobre sua cultura em uma linguagem mais literária e intimista contribuem para valorização e para o sentimento de reconhecimento dessa identidade.

Neste cenário, o livro-reportagem se torna o melhor suporte para esse tipo de pauta. Com maior tempo para apuração e uma extensão maior para contemplar mais aprofundamentos, este produto jornalístico cede espaço para grandes reportagens e pautas mais frias, que merecem mais investigações. Além disso, ele dá lugar ao jornalista para mais criatividade.

## 2.2. O produto certo

O hibridismo entre jornalismo e literatura foi possibilitado pelas características e proximidades entre esses dois gêneros. Por um lado, “a profissão de quem escreve aos jornais” (HOLANDA, 2010, p.447) e, por outro, “a arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou versos” (HOLANDA, 2010, p.471). Os jornais brasileiros, que, frequentemente, recebiam influências estrangeiras, não ficaram de fora do casamento entre os textos jornalísticos e a crônica, por exemplo.

Segundo Pena (2006, p.31), grandes autores brasileiros publicaram folhetins, que são textos com caráter literários e se aproximam de romances e novelas, em jornais. O autor cita Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Raul Pompéia, Aloísio de Azevedo, Euclides da Cunha e Visconde de Taunay. O entrelaçamento da prática jornalística com o texto literário recebeu destaque, principalmente, após a redemocratização do Brasil, em 1980, sob o conceito de livro-reportagem.

O livro-reportagem pode ser considerado como um tipo reportagem jornalística que, expandindo as necessidades por informação da sociedade democrática inaugurada no Brasil pela Constituição de 1988, oferece alternativas complementares às reportagens jornalísticas publicadas em jornais, sejam ele impressos ou digitais (SILVA e COSTA, 2017, p.16).

Este gênero textual, que enriquece a prática jornalística, “desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva”. (LIMA, 2004, p. 1). E, com isso, provocar no leitor uma exploração do tema que foge do jornalismo comum, que consumimos diariamente em jornais ou meios digitais, pois o livro-reportagem proporciona uma viagem através da narrativa aprofundada.

Na análise de Oliveira (2006), os meios convencionais, ou seja, a indústria jornalística está produzindo informações sem contexto, diluídas no “imediatismo”, que geram incompreensão dos episódios. Entretanto, o livro-reportagem vai na contramão desses critérios de consumo e da industrialização da notícia ao ligar os fatos a modos criativos de interpretá-los e, com isso, contam histórias reais.



É preciso fazer o caminho inverso, retroceder nas relações originárias e formadoras da reportagem, que tinha como foco proposital a relação de meios jornalísticos com características literárias. A reportagem necessita, então, não somente relatar com profundidade e contexto, mas também contar histórias fincadas na realidade cotidiana e nos indivíduos, que a personificam (OLIVEIRA, 2006, p. 13).

Considerado uma extensão das reportagens, mas com técnicas narrativas que extrapolam o sentido objetivo do jornal diário. As características presentes nelas são resgatadas do New Journalism norte-americano, da década de 1960, que tem como referência escritores como “Gay Talese, Norman Mailer, Truman Capote, Tom Wolfe” (SILVA e COSTA, 2017, p. 6). São pautas mais aprofundadas e desenvolvidas que contribuem para despertar o interesse do leitor.

Seus principais diferenciais estariam no conteúdo (o factual aprofundado), no tratamento do tema (linguagem mais elaboradas, apuração mais extensa, falas e gestos dos personagens mais valorizados) e em sua função (suprir a deficiência do jornalismo diário, sempre comprimido por problemas de tempo, logística, recursos e pessoas). (BORGES, 2013, p. 261).

Silva e Costa (2017) exemplificam que os livros-reportagens são pautados por temas que estão, intrinsecamente, ligados à sociedade brasileira contemporânea. “Sistema prisional, escândalos políticos, tráfico de drogas, processos judiciais e práticas policiais” (p. 3). Ou seja, apesar da sua dissociação do princípio jornalístico de “furo” este gênero ainda possui os pés no factual. “Conta-se uma história passada já há algum tempo, mas que traz implicações para o presente” (BORGES, 2013, p. 261).

Um exemplo é exatamente o livro-reportagem *Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano*, que retoma o debate sobre a valorização dos sentimentos coletivos para retratar as características culturais dos goianos. Partindo disso, foram construídas quatro grandes reportagens que auxiliam na formação da identidade cultural goiana a partir da contextualização histórica e entrevistas com especialistas e personagens para compreensão da música, da culinária, da vegetação e da linguagem informal que predomina na sociedade do estado de Goiás.

Justamente por ter mais tempo de produção e apuração, espera-se que o livro reportagem traga “um grau mínimo de ineditismo nos fatos que traz à tona” (BORGES, 2013, p. 261). Pois, devido à sua atemporalidade, o jornalista poderá usar de mais técnicas narrativas, como a memória, as fontes e a abordagem, para construir o texto. A exemplo disso, Medina (2011), fala sobre a técnica de entrevista com perfil humanizado que pode ser utilizada no livro-reportagem:

Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, para conceituar o grotesco, para ‘condenar’ a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamourizar-lá sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida (MEDINA, 2011, p.21)

Neste sentido, Lima (2004), destaca que o livro-reportagem possui um ampliação horizontal e vertical do relato, isto é, possui uma “abordagem extensiva em termos de detalhes” e de “aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações e seus desdobramentos possíveis”. Estas questões buscam ampliar a compreensão da realidade encarada na pauta e será entregue ao leitor.

Para isso, o livro apresentado neste trabalho traz um aprofundamento no tema da identidade cultural goiana com entrevistas individuais caracterizadas (textos reproduzidos entre aspas de acordo com a linguagem oral dos entrevistados), de personalidade e opinativas em fontes documentais, pesquisas bibliográficas, em espaços oficiais, informais, com especialistas e fontes primárias, secundárias e testemunhas. Com essas técnicas, que serão melhor explicadas no próximo capítulo, foi possível ampliar a interpretação sobre os sentimentos compartilhados pelo povo natural do estado de Goiás e, até mesmo, dos demais estados do Centro-Oeste brasileiro.

### **2.3. Linguagem diferenciada**

Os primeiros registros de narrativas que possuem características literárias, como as do livro-reportagem, datam do mesmo período de surgimento da escrita, 3.500 a.C, no Egito. Segundo Castro (2010), os cinzeladores liam em praça pública textos sobre as colheitas de grãos, casamentos reais, solenidades, viagens, guerras

e a vida cotidiana e “nesses casos, já existia a união dessas informações com narrativas que eram passadas através de uma literatura específica, ora fantástica, ora épica, ora lírica, aventureira, gnômica, crítica, etc” (p.12).

Outros registros foram encontrados em Roma de autoria de Marco Valério Marziale, também chamado de Marciel. Ele, que recebeu o direito de escrever sobre a civilização e seus eventos, o fazia em forma de poesia em prosa.

Uma data chave em sua vida é o ano 80 d.C., reinado de Tito, quando, durante a inauguração do anfiteatro de Flávio (o Coliseu), Marciel recebe o direito de celebrar o evento com a publicação de um livro de notícias em forma de poesia que descreve o espetáculo da inauguração do anfiteatro. (CASTRO, 2010, p.13)

Ao conquistar o imperador com o livro "Liber Spectaculorum", o “jornalista” recebe o direito de escrever sobre os banquetes, os acontecimentos, e, sobretudo, da vida do homem comum e da sua relação com a cidade romana. O poeta passa a observar, isto é, “vê a vida que o circunda em Roma e a relata com um realismo pungente muitas vezes carregado de cinismo” (CASTRO, 2010, p.13). Nestes textos, ele expunha um fato, descrevia um personagem, contava uma história e a concluía, com humor “fulminante” que surpreendiam o leitor.

Entretanto, a Idade Média acaba sufocando este gênero com a invenção da imprensa e sua forma de produção massiva. Segundo Castro (2010), a partir do século XVII, na Europa, os jornais começaram a se expandir rapidamente e, também, há o casamento da narrativa jornalística com a crônica. Pois, “neste período, há a difusão também da crônica que, em alguns casos, ganha contornos de imprensa massiva [e em jornais] mistura-se com artigos filosóficos, relatos de viagem com o lirismo da poesia romântica, opiniões associa-se a contos e novelas” (p. 17).

A crônica foi associada ao jornalismo durante seu período romântico, de acordo com Borges (2013). Entretanto, este gênero se mantém literário por não ser cobrado quanto a factualidade de sua “enunciação” e, devido sua ligação com a imprensa, é aderida pelo discurso noticioso.

Goza de liberdade plena para variar do informativo ao imaginativo sem prestar contas dessa transição, sendo uma mudança natural [...] Uma maneira de ampliar, contando com mais tempo e espaço, coberturas sobre fatos e acontecimentos

que o jornalismo cotidiano não esgota (BORGES, 2013, p. 259-260)

Suas características informativas, que podem ser verificadas na fidelidade à narração cotidiana, se misturam à sua liberdade imaginativa e juntos dão forma para esse gênero jornalístico que, através da “vinculação temática e analítica” (MELO, 2003, p. 156 apud BORGES, 2013, p. 258) tecem relações com a realidade e com a crítica social.

No casamento entre as narrativas jornalística e literária o autor não inventa nada. Segundo Pena (2006), esta união se caracteriza pela fidelidade à realidade factual e a utilização de estratégias literárias para construção da narrativa. O jornalista, imerso naquela realidade, relata uma ocorrência social através de um estilo próprio de aprofundamento e contextualização, que é alcançado com a “precisão de dados e informações, metáforas e humanização” (p. 105) das fontes e personagens.

Quem faz romance-reportagem busca a representação direta do real por meio da contextualização e interpretação de determinados acontecimentos. Não há preocupação apenas em informar, mas também em explicar, orientar e opinar, sempre com base na realidade. Pode até ser que a narrativa se aproxima da ficção, mas isso nunca é feito deliberadamente, ao contrário da ficção-jornalística, que tem na inventividade um componente essencial de suas estratégias (PENA, 2006, p. 103)

Entende-se que a construção do texto jornalístico literário parte do conceito de verossimilhança, ou seja, “semelhante à verdade e que parece verdadeiro e é provável” (HOLANDA, 2010, p.779). Pena (2006) afirma que os temas são reais e abordados de forma objetiva, mesmo que os ângulos subjetivos e literários modulem a narrativa. Porém, devido sua conotação literária, que estreita a diferença com o ficcional, este gênero recebe críticas negativas referente a sua credibilidade, pois se afasta do modelo objetivo da indústria da imprensa, o que resulta na perda do seu espaço nos jornais.

Por isso, é importante destacar que nele não há espaço para invencionismos. Pois, segundo Pena (2006), os “adereços literários” usados pelos jornalistas são colocados com cautela e coerência com a realidade no qual a narrativa se baseia.

Estes irão auxiliar o profissional na explicação, orientação e, até mesmo, a opinar no fato.

No Brasil, sua chegada foi tardia e suprimida pela Ditadura Militar. Com as vigilâncias impostas pela censura, a crônica foi transvestida de livro-reportagem. De acordo com Borges, (2013), neste novo perfil ela mantém sua característica literária, poética e as críticas sociais. Além disso, lhe é somada o caráter de apuração extensa e aprofundada, que valoriza as personagens, a contextualização e o ineditismo.

Com este cenário em que a crônica e o jornalismo são entrelaçados, também encontra-se em *Goianidade*, o livro-reportagem produzido neste Trabalho de Conclusão de Curso. Inspirado na crônica “O que é ser goiano”, de José Mendonça Teles, publicado no portal Curta Mais, no dia 17/02/2016 e atualizado em 16/12/2018. O autor extrai do texto aspectos destacados pelo cronista para construir grandes reportagens que explorem e aprofundem os temas. Neste sentido, para falar sobre a identidade cultural goiana o livro irá abordar a música, a culinária, o Cerrado e a linguagem informal.

Além disso, estes temas presentes no livro-reportagem permitem a imersão do repórter e estudante, que também é goiano e goianiense. Segundo Vieira e Leite (2014), na análise da revista Realidade, lançada em 1966 e publicada até 1976, esta característica do jornalismo contemporâneo possibilita uma melhor representação do cotidiano das personagens e aprofundamento e familiarização das pautas.

A partir da imersão de seus repórteres e da organização do material por meio das editoriais de textos e arte, levou às bancas reportagens que tratavam do povo brasileiro, de seus problemas e virtudes, a partir de um ângulo familiar ao do próprio personagem por elas revelado. (VIEIRA & LEITE, 2014, p. 12)

No recorte da pauta do livro-reportagem *Goianidade*, encontra essa mesma característica ao trazer, por exemplo, relatos pessoais do repórter e entrevistas com fontes informais que criam perfis a partir de explorações nos temas propostos. Por isso, o caráter literário encontrado nestas pautas é marcado pelo aprofundamento e aproximação dos personagens e leitores com a identidade cultural goiana.

## 2.4. Debate sobre a goianidade

As características do livro-reportagem e do jornalismo literário são extremamente favoráveis para o tema da identidade cultural goiana, que o trabalho do livro *Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano* traz em suas páginas. Foram usados os recursos disponíveis para desenvolvimento das pautas com o aprofundamento e a criatividade que a goianidade merece.

A ideia de goianidade está ligada ao conceito de identidade. Este segundo é entendido como o conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la (HOLANDA, 2010, p. 406). A partir disso, podemos compreender que a goianidade são os atributos que diferenciam e unificam aqueles que se identificam como goianos. Segundo Freitas (2011), ela é apresentada através dos valores da família e da conexão com a terra e a roça.

Os valores da família, o apego à sua terra e à sua maneira de ser somavam-se e somam-se a outros traços marcantes da goianidade: simplicidade como opção de vida, senso de humor e cordialidade simples ao lado de certa altivez e ufanismo em relação aos vastos horizontes, à imensidão dos céus, à abundância de águas e matas. O conhecimento da vida que se levava no interior das fazendas, assim como nas cidades, vilas, arraiais e corrutelas goianas poderá vir a fornecer dados elucidativos da contribuição anônima do povo à sua história e da tessitura das relações humanas que ali se processavam. (FREITAS, 2011, p. 61)

Características que não são efêmeras, mas integram a construção sociológica dos indivíduos naturais ou habitantes do Estado de Goiás. Um processo assim como descrito pelo antropólogo, educador e romancista Ribeiro (2002) no livro “O Povo brasileiro” como a confluência, o entrelaçamento e o caldeamento do invasor português, com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos e também é descrito por Chaul (2011) para explicar a identidade cultural do povo goiano.

Culturalmente, porém, somos fruto de uma mestiçagem maravilhosa, resultado dos elementos que nos compuseram e nos legaram um potencial fantástico de traços culturais entre o índio nativo, o negro africano e o branco europeu, traços estes que podem ser encontrados da literatura às artes plásticas, passando pela música e pela dança. (CHAUL, 2011, p.2)

Os exemplos da autora convergem ao conceito de identidade, a partir de Holanda (2010), que podem ser entendidos como as normas de comportamento,

saberes, hábitos ou crenças que diferenciam os goianos dos demais grupos sociais localizados em outras unidades federativas do Brasil. Essas características são percebidas e transmitidas por meio das canções de moda de viola, a simplicidade na maneira de enxergar a vida, no modo de preparo das refeições, tudo ainda muito ligado ao fogão caipira, nas formas de se relacionar com o meio ambiente e em conversas informais, que são carregadas de gírias e expressões locais.

Princípios e valores que estão representados no livro *Goianidade*. Como o próprio título reforça, são retratos e recortes da identidade cultural do povo goiano. São personificações, ou seja, a atribuição de qualidades que simbolizam e representam as características das pessoas que se identificam como goianos. Segundo Pinto (2014), a personificação é um método projetivo estudado na psicanálise para entender o conhecimento que um indivíduo tem a respeito de si mesmo, isto é, o autorreconhecimento.

É preciso supor que as histórias estejam expressando também sentimentos, ideias, motivações e fantasias conscientes, pois apreendem competências e habilidades que são funções do Ego (tais como memória, tendências artísticas e outras características da personalidade). (PINTO, 2014, p. 142)

Este recurso no jornalismo pode ser verificado, segundo Medina (2011), através das entrevistas de perfil humanizado. Nela a inter-relação entre repórter e entrevistado resulta na construção de personagens carregados de subjetividades. Sem a objetividade do jornalismo convencional, um diálogo “constrói ferramentas para transformá-lo numa representação simbólica” em um texto que consegue aproximar o leitor e, principalmente, “editar retratos de pessoas”.

Características que foram alcançadas no livro-reportagem *Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano*. Com isso, como afirma Ariane Mendes, amiga próxima do autor que leu o livro previamente para criticá-lo, “é como se estivesse conversando com ‘velhinho’ e ele contasse as histórias”. Um tema trabalhado com muita sensibilidade para dar a importância merecida. Com cuidado e atenção, a identidade goiana deve ser valorizada para ser passada para as próximas gerações, que poderão gozar de bons sentimentos de pertencimento.

### 3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

#### 3.1. Tema

O livro reportagem *Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano* busca representar a identidade cultural daqueles que se reconhecem como goianos. O produto livro-reportagem foi escolhido desde o primeiro semestre do curso de graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás quando, na disciplina de Introdução ao Jornalismo, que foi ministrada pela professora Lara Guerreiro, a docente indicou a leitura do livro *A Sangue Frio*, de Truman Capote. Desde então, este produto jornalístico ganhou a afeição do autor deste trabalho.

A ideia de falar sobre algo local e sobre Goiânia já existia desde o início da graduação, pois o autor sempre teve interesse em realizar discussões sobre o assunto. A temática da goianidade e da identidade cultural goiana se consolidou em 2020, durante a disciplina de Cultura Brasileira, que foi ministrada pela professora Lúcia de Fátima Lobo Cortez Amado. Nela, a docente levantou discussões sobre os traços identitários predominantes no Estado de Goiás, como eles se manifestam através da cultura e, principalmente, acerca da importância de valorizá-los e preservá-los.

Com isso, este trabalho foi pensado para tratar sobre os mercados municipais de Goiânia, os parques, os pit dogs, as igrejas e as feiras da capital goiana, dando início ao período de pesquisa sobre as histórias desses locais. O Mercado Central e a ruptura entre o tradicional e o moderno, o Lago das Rosas e sua importância biológica, os pit dogs da Rua 10, no Centro de Goiânia, e suas opções noturnas de lanches e a Feira Hippie e as produções têxteis no Estado foram alguns temas integrantes da fase de pesquisa para o livro.

Entretanto, em meio às dificuldades de inserir literariedade nas primeiras reportagens produzidas, o tema central da identidade cultural e o sentimento de pertencimento pareciam cada vez mais distantes. Orientado pelo professor Rogério Pereira Borges, o formato reportagem foi deixado de lado para ser substituído por crônicas que narram vivências pessoais com aqueles locais citados acima. Então, após alguns bons cliques na internet, a crônica “O que é ser goiano”, de José Mendonça Teles, que já havia sido lida pelo autor há alguns poucos anos, foi reencontrada e passou a nortear novas pautas para este livro-reportagem.



O livro foi, assim, inspirado na crônica de José Mendonça Teles e escolhido para homenagear a avó do autor, uma rioverdense que representa motivação aos estudos no curso de jornalismo, a música e a culinária foram selecionados para dar início aos trabalhos. Ambas as fontes de inspiração se destacam pelas qualidades daquilo que compõe legitimamente o goiano e que também serviram para a divisão de capítulos deste livro. As pautas sobre a linguagem informal e, por fim, sobre o Cerrado vieram após orientações para aprofundar mais aspectos da identidade que as fontes dos primeiros capítulos haviam explorado.

Contudo, no livro-reportagem *Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano* foram utilizados os valores-notícias da curiosidade, relevância, empatia e a proximidade. Desde a pesquisa, a escolha das fontes e a escrita das pautas, os critérios foram pensados para despertar interesse de leitura no público-alvo, que é a população goiana com, atualmente, com mais de 6 milhões de habitantes (IBGE, 2014). Música, culinária, Cerrado e a linguagem são temas que participam do cotidiano dessa população que ao ler novas descobertas sobre sua cultura em uma linguagem mais literária e intimista, pode se reconhecer mais profundamente com a terra onde nasceu ou vive, o que contribui para valorização e para o reconhecimento da identidade cultural goiana.

### **3.2. Capítulos**

O livro foi dividido em quatro capítulos: *Moda de viola... e de violão, de guitarra; Sabor da roça; Flor do Cerrado; Falar caipira*. Inicialmente, este livro-reportagem iria abordar temas como os Mercados Municipais, as praças públicas e as feiras localizadas em Goiânia, porém, foi redirecionado para os quatro capítulos que destacaram especificamente quatro aspectos da cultura goiana: a música, a culinária, o Cerrado e a linguagem informal.

De início, o livro retrata a música goiana. Com a finalidade de compreender de onde vem a fama de ser capital do sertanejo, neste capítulo foi realizada uma entrevista de pesquisa e opinativa com uma fonte de referência para contextualizar sobre as origens da moda de viola no estado de Goiás, duas entrevistas exclusivas individuais com fontes oficiais para apresentar a participação da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Orquestra Sinfônica de Goiânia (OSGO) no cenário musical goiano e três entrevistas opinativas com fontes informais para tratar das novas tendências musicais no Estado. Além dos valores-notícias gerais ao livro,

neste capítulo também foi utilizado o conflito para gerar debate em torno da música goiana com contrapontos de outros gêneros, além do sertanejo, para aprofundamento do cenário musical goiano.

O segundo capítulo vai tratar sobre a culinária goiana. Nele foi realizada uma entrevista de pesquisa e opinativa com uma fonte de referência para contextualizar historicamente a construção dos pratos que são tradição no território goiano, uma entrevista exclusiva com uma fonte de referência para tratar da importância desse alguns alimentos e formas de preparo para a formação da identidade cultural e, por fim, duas entrevistas de personalidade com duas fontes informais para representar o sentimento goiano em relação a culinária local.

No terceiro capítulo será tratado a relação do povo goiano com o bioma Cerrado, visto que ele também está presente em outros estados brasileiros. Para isso foram realizadas três entrevistas de pesquisa com três fontes oficiais para compreender as políticas públicas de preservação da fauna e da flora presente nessa vegetação e de turismo ecológico no Estado, duas entrevistas opinativas com fonte de referência para falar sobre a composição do Cerrado em território goiano e, por fim, um entrevista de personalidade com uma fonte informal e, além disso, relatos pessoais para abordar a relação da população com o meio ambiente em que está inserido. Este capítulo surgiu após os entrevistados sobre a culinária enfatizarem a importância dos frutos do Cerrado para os pratos goianos.

Para finalizar, o quarto capítulo trata sobre a linguagem informal e o Dicionário Goianês, isto é, o livro digital chamado "*Termos e expressões do coloquial do cotidiano da zona rural no Brasil central no século XX*" escrito pelos autores Armando Honório da Silva e Ismael David Nogueira, ambos servidores técnico-administrativos aposentados da Universidade Federal de Goiás (UFG). Neste foi utilizada uma entrevista de personalidade com uma fonte de referência, no caso, um dos autores do livro. Apesar de ter sido idealizado junto aos dois primeiros capítulos, este foi trabalhado por último devido acreditar que os vícios de linguagem poderiam ser melhor vivenciados durante as entrevistas das pautas anteriores.

### **3.3. Características**

Além dos quatro capítulos, que foram explorados acima, o livro possui *Capa*, *Contracapa*, *Sumário*, *Apresentação* e os *Agradecimentos*. Também possuem ilustrações, cores, fontes, diagramação e espaçamentos que buscam representar a

leveza do tema e a simplicidade, característica muito predominante na cultura goiana.

Para a capa, foi solicitado ao ilustrador Guilherme Tolentino Sousa quatro desenhos que representassem os quatro capítulos. Por isso, o mapa do Estado de Goiás (uma recomendação do orientador deste trabalho), violão, o ipê e as pamonhas, que foram eleitas devido a um apreço pessoal do autor com a entrevistada Matilde Assis, uma amiga íntima da família que organiza reuniões para produzir e comer pamonhas, isto é, mutirões de pamonhada, evento da tradição goiana. As cores, que também foram usadas na quarta capa, foram orientações de Rogério Borges, com o objetivo de deixar o livro mais atrativo. Elas foram escolhidas nos tons da bandeira do Estado para, justamente, representarem o verde e o amarelo da nossa vegetação, da nossa culinária e dos símbolos do Estado.

As ilustrações incluídas no decorrer do livro-reportagem foram feitas pelo ilustrador Isael Márcio Pereira com referências a cada capítulo e pauta às quais elas pertencem. Todos os desenhos foram feitos no estilo rascunho e em nanquim para deixá-los mais próximos da simplicidade retratada no livro. A fonte usada em todo o livro é a Baskerville Old Face, criada pelo tipógrafo John Baskerville, no século XVIII. Esta escolha deveu-se à sua diferenciação entre traços grossos e finos, que dão melhor aparência em tamanhos grandes, ideais para uso em livros. O espaçamento duplo se casa com a fonte para apresentar uma leitura mais leve, tranquila e agradável, assim como o tema cultura subentende.

A *Apresentação* e os *Agradecimentos* são dois textos com características particulares. Sem ilustrações, ambos buscam dar mais enfoque para o texto que trata sobre as principais fontes de inspiração do livro-reportagem. A crônica “O que é ser goiano”, de José Mendonça Teles, e minha avó, Dejanira Caetana da Silva Sobrinho, por isso, ela possui mais agradecimentos.

Além disso, algumas marcas do jornalismo literário e do livro-reportagem merecem destaque nesta produção. Primeiro, o subcapítulo *Milho* (p.36-39), que está inserido no capítulo *Sabor da roça*. Ele traz uma entrevista de perfil humanizado, como o descrito por Medina (2011), que contribui para a personificação, aproximação e humanização no texto. Os relatos da fonte, que foram trazidos integralmente, são carregados de representações que tornam a pauta mais sensível e fiel à realidade das personagens goianas.

Um segundo exemplo é o subcapítulo *Verde* (p. 62-71), que está inserido no capítulo *Flor do Cerrado*. Com uma construção em forma de crônica jornalística, o autor passeia entre informações coletadas para aprofundamento da pauta e dos relatos pessoais do autor, que foram vivenciados em uma praça próxima à casa da avó. Neste texto, o autor costura memórias, entrevistas e pesquisas bibliográficas para deixar explícita a presença dele no livro-reportagem. Uma característica que foi possibilitada por intermédio do jornalismo literário e sua capacidade para passear entre a reportagem e a crônica.

Além desses destaques, o livro *Goianidade* possui outras muitas características literárias tão importantes quanto, mas esses dois trechos têm a estima do autor por seus simbolismos e proximidade com as memórias afetivas. Por fim, o formato de E-Book foi escolhido devido à sua facilidade de diagramação e edição, visto que os recursos financeiros para submissão do livro-reportagem junto a uma editora e/ou gráfica ficariam excedentes aos recursos disponíveis ao estudante.

### **3.4. Entrevistas**

Com o contexto pandêmico motivado pelo coronavírus, as fontes e entrevistas foram contatadas à distância. Das 15 entrevistas inseridas ao livro-reportagem, 14 delas foram totalmente virtuais com primeiros contatos via mensagens de WhatsApp e finalização através de vídeos chamadas pré-agendadas para conversas que extrapolam o modelo ping-pong do jornalismo.

Somente a entrevista com o Alberto Cavalcanti foi realizada presencialmente. A proposta era visitar o Mercado Municipal no Centro de Goiânia para conhecer o cotidiano dos funcionários e explorar a culinária e o artesanato goiano do local. Além dele, também foi visitada presencialmente a Feira do Cerrado com os mesmos objetivos anteriores.

Exceto o Alberto, todos os demais entrevistados foram escolhidos por indicações do orientador deste trabalho e do atual supervisor profissional do estágio, Carlos Nathan Sampaio. Especialistas, representantes oficiais e fontes informais do convívio do autor, estas eram as bases norteadoras para escolha dos entrevistados, que foram comunicados da veiculação das pautas neste trabalho.

Como descrito por Ariane Mendes, amiga próxima do autor que leu o livro previamente para criticá-lo, “é como se estivesse conversando com um ‘velhinho’ e ele contasse as histórias”. As entrevistas para o livro possuem este mesmo espírito,

pois muitas vezes o repórter se detinha em apenas ouvir os entrevistados. Mesmo com perguntas elaboradas antes das entrevistas, o autor iniciava com “quero conversar” sobre determinado assunto para evitar as limitações do modelo ping-pong de perguntas e respostas mesmo quando esse tipo de interação era proposto pela fonte.

Nas entrevistas à distância, sempre houve uma preocupação primordial em gravar a conversa para não se distrair com anotações e, nos encontros presenciais, o gravador esteve sempre ligado desde o “bom dia”. Recordo-me de dizer para cada fonte: “quero te ouvir contar” e com uma delas, Matilde Assis, isso foi bastante engraçado, pois bastou isso para desenvolver uma conversa com quase duas horas de duração.

Por fim, como complemento às entrevistas, durante as visitas presenciais ao Mercado Municipal de Goiânia e à Feira do Cerrado não faltaram anotações no bloco de notas e áudios enviados para mim mesmo no Whatsapp. Em meio a essas notas há desde um cocô falso, que era vendido nas lojas do Mercado como “pegadinha” para assustar amigos, a tentativas de entrevistas frustradas pela correria dos ambientes. Situações que contribuíram para contextualização dos ambientes em que se passaram, proporcionaram boas experiências ao autor e, no livro-reportagem, arrancaram risadas do leitor.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novas descobertas com um tipo de jornalismo que foge ao convencional. Este era o objetivo do livro-reportagem *Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano*. A escolha desse produto se encaixou perfeitamente ao tema. Sem a pressão do ineditismo do jornal diário, o livro-reportagem conseguiu aprofundar no tema da identidade cultural e, conforme Oliveira (2006), entrega ao leitor histórias reais sobre aquilo que o circunda.

A experiência de personificação dos goianos através dessas grandes reportagens permite vivenciar o sentimento coletivo, a memória e a cultura. O livro-reportagem exprime com fidelidade os objetivos iniciais do autor, o de falar sobre o que legitima um indivíduo dentro da sociedade goiana, ou melhor, o que torna um digno “goiano do pé rachado”.

Os assuntos música, culinária, meio ambiente e as expressões locais fazem parte do cotidiano dos goianos e do autor, que também nasceu e vive no Estado de Goiás. Tratar sobre a identidade cultural goiana, muito além de falar do outro, foi expressar o que o autor se reconhece. Por exemplo, confesso que a música sertaneja não está entre meus gêneros musicais favoritos e, por isso, no capítulo que o assunto é abordado foi explorados outros gêneros desse cenário, como o Rock e o MPB.

Elaborar o capítulo sobre a culinária foi algo bem mais natural, pois sou o típico goiano que adora frango com pequi. Entretanto, não faltou novas experiências de sabores e odores, pois durante a construção do livro-reportagem me propus a experimentar, como, por exemplo, o picolé de Buriti da franquia Frutos de Goiás. No capítulo sobre o bioma Cerrado, houve uma maior afinidade com o tema, pois o autor possui um apreço por pautas que se enquadrem no jornalismo ambiental.

Por fim, o capítulo *Falar caipira* foi um marco de conhecimento e vivências. Primeiro por dar oportunidade ao autor de descobrir gírias consideradas goianas que nem estão presentes no vocabulário do jornalista. Em segundo lugar, por causa de uma experiência em São Paulo. Era a primeira vez que o autor visitava um Estado diferente, quando uma goiana me parou na rua e reconheceu minha naturalidade devido à minha “forma de falar”. Uma experiência rica e cheia de novas descobertas sobre as raízes de quem escreveu este livro.

Este é o objetivo do livro-reportagem *Goianidade*, contextualizar e aproximar para que o leitor possa se sentir em casa. Uma leitura leve e bem fundamentada, com histórias que expandem o “normal” da valorização cultural, as pautas misturam literatura e informação. Textos com dados e narrativas em primeira pessoa, sejam do autor ou de personagens, que trazem para o livro a principal característica do jornalismo literário, o aprofundamento.

Um produto que rendeu bons espantos com diversas perguntas: “vai fazer um livro sozinho mesmo?” Sim! Um livro que também me assustou no início por sua grandeza e profundidade, quando temi não alcançar as características literárias e a criatividade que ele merece. Mas, por fim, com o auxílio do professor orientador Rogério Borges, o resultado foi bastante satisfatório e me deixou realizado pela conquista. Acredito que *Goianidade: Retratos da identidade do povo goiano* alcança o aprofundamento necessário para o tema e entrega ao leitor boas experiências de leitura.

## 5. REFERÊNCIAS

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário: teoria e análise**. Volume 7. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2007.

CASTRO, Davi de. Agenda-setting: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos. **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, nº 31, p. 197-214, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/46390>. Acesso em: 17/08/2021.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casas das Musas, 2010.

CHAUL, Nasr Fayad. A identidade cultural do Goiano. **Ciência e Cultura**. São Paulo: Vol. 63. nº 3, 2011. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252011000300016](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252011000300016). Acesso em: 18/10/2021.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970**. Brasília: Editora UnB, 2007.

COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-reportagem: guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Alínea, 2017.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. Goiás e a goianidade. **Revista da Aflag - Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás - Goiânia**, n. 1, Goiânia, n. 1, p. 183-191, 1969. Disponível em: [http://www.aphonsiano.edu.br/revista/edicao01/ARTIGO\\_4..pdf](http://www.aphonsiano.edu.br/revista/edicao01/ARTIGO_4..pdf). Acesso em: 10/10/2021.

GENTILLI, Victor. O conceito de cidadania, origens históricas e bases conceituais: os vínculos com a Comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, nº 19, p. 36-48, 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3184>. Acesso em: 18/08/2021.



HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8ª Edição. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico Brasileiros de 2010**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/panorama>. Acesso em 05/12/2021.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª Edição. São Paulo: Editora Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 1ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2011.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. Jornalismo literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história. **Intercom**. Brasília, Unb, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r0717-1.pdf>. Acesso em: 19/08/2021.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 2006.  
PINTO, Elza Rocha. Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. **Agora**. Rio de Janeiro: Vol. 17, nº 1, p. 136-153, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/FfrxThdCyQ5hSN6Qq46gsCK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19/10/2021.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RIBEIRO, Lavina Madeira. A condição cidadã, In: SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela (orgs). **Cidadania comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa**. Goiânia: FIC/UFG, p. 69.112, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/338282291\\_CIDADANIA\\_COMUNICACIONAL\\_Teoria\\_epistemologia\\_e\\_pesquisa](https://www.researchgate.net/publication/338282291_CIDADANIA_COMUNICACIONAL_Teoria_epistemologia_e_pesquisa). Acesso em: 20/08/2021.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **RuMoRes**. Vol. 7, nº 14, p. 138-157, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>. Acesso em: 21/08/2021.

SILVA, Fernando Lopes da; COSTA, Daniel Padilha da. O Conceito de “Livro-Reportagem”: Subsistema jornalístico e suporte editorial. **X Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social de Minas Gerais**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/323613380\\_O\\_conceito\\_de\\_livro-reportagem\\_Subsistema\\_jornalístico\\_e\\_suporte\\_editorial](https://www.researchgate.net/publication/323613380_O_conceito_de_livro-reportagem_Subsistema_jornalístico_e_suporte_editorial). Acesso em 07/12/2021.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**. Florianópolis, Vol. 2, n. 1, p. 95-107, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>. Acesso em: 22/08/2021.

SILVA, Welington Pereira. **Livro-reportagem**: a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas. Goiânia: PUC Goiás, 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media. **Revista Ampliada**. 2ª Edição. Porto:2006. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4218432/mod\\_resource/content/2/Jorge%20Pedro%20Souza.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4218432/mod_resource/content/2/Jorge%20Pedro%20Souza.pdf). Acesso em: 05/12/2021.

TELES, José Mendonça. **O que é ser goiano**. Curta Mais, 16/12/2018. Disponível em: <https://www.curtamais.com.br/goiania/o-que-e-ser-goiano-de-jose-mendonca-teles>. Acesso em: 07/03/2021.

VIEIRA, Leylianne Alves; LEITE, Marcelo Eduardo. A experiência da reportagem na revista Realidade. **Anagrama**. São Paulo, Vol. 8, nº 2, p.1-13, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/82359>. Acesso em: 23/08/2021.

## 6. ANEXO

### O que é ser goiano, de José Mendonça Teles

Escritor goiano definiu em uma bela crônica o sentimento de goianidade

#### Por Curta Mais

(Publicado em 17/02/2016 às 09:48 - Atualizado em 16/12/2018 às 18:43)

E pra você, o que é ser goiano?

O escritor goiano José Mendonça Teles definiu esse sentimento de goianidade em uma belíssima crônica que você precisa conhecer:

#### Ser goiano, de José Mendonça Teles

Ser goiano é carregar uma tristeza telúrica num coração aberto de sorrisos. É ser dócil e falante, impetuoso e tímido. É dar uma galinha para não entrar na briga e um nelore para sair dela. É amar o passado, a história, as tradições, sem desprezar o moderno. É ter latifúndio e viver simplório, comer pequi, guariroba, galinhada e feijoada, e não estar nem aí para os pratos de fora.

Ser goiano é saber perder um pedaço de terras para Minas, mas não perder o direito de dizer também uai, este negócio, este trem, quando as palavras se atropelam no caminho da imaginação.

O goiano da gema vive na cidade com um carro-de-boi cantando na memória. Acredita na panela cheia, mesmo quando a refeição se resume em abobrinha e quiabo. Lê poemas de Cora Coralina e sente-se na eterna juventude.

Ser goiano é saber cantar música caipira e conversar com Beethoven, Chopin, Tchaikovsky e Carlos Gomes. É acreditar no sertão como um ser tão próximo, tão

dentro da alma. É carregar um eterno monjolo no coração e ouvir um berrante tocando longe, bem perto do sentimento.

Ser goiano é possuir um roçado e sentir-se um plantador de soja, tal o amor à terra que lhe acaricia os pés. É dar tapinha nas costas do amigo, mesmo quando esse amigo já lhe passou uma rasteira.

O goiano de pé-rachado não despreza uma pamonhada e teima em dizer ei, trem bão, ao ver a felicidade passar na janela, e exclama viche, quando se assusta com a presença dela.

Ser goiano é botar os pés uma botina ringideira e dirigir tratores pelas ruas da cidade. É beber caipirinha no tira-gosto da tarde, com a cerveja na eterna saideira. É fabricar rapadura, ter um passopreto nos olhos e um santo por devoção.

O goiano histórico sabe que o Araguaia não passa de um "corgo", tal a familiaridade com os rios. Vive em palacetes e se exila nos botecos da esquina. Chupa jabuticaba, come bolo de arroz e toma licor de jenipapo. É machista, mas deixa que a mulher tome conta da casa.

O bom goiano aceita a divisão do Estado, por entender que a alma goiana permanece eterna na saga do Tocantins.

Ser goiano é saber fundar cidades. É pisar no Universo sem tirar os pés deste chão parado. É cultivar a goianidade como herança maior. É ser justo, honesto, religioso e amante da liberdade.

Brasília em terras goianas é gesto de doação, é patriotismo. Simboliza poder. Mas o goiano não sai por aí contando vantagem.

Ser goiano é olhar para a lua e sonhar, pensar que é queijo e continuar sonhando, pois entre o queijo e o beijo, a solução goiana é uma rima.

(TELES, José Mendonça. Crônicas de Goiânia. Goiânia: Kelps, 1998)